

DANNY SCHEINMANN

*Pequenos Gestos
de Amor Eterno*

Tradução de Helena Ramos



PORTO EDITORA

1

Depois de uma forte pancada na cabeça, a mente fica como uma casa após um furacão: pedaços, farrapos e estilhaços irreconhecíveis.

Fragmentos de memória espalham-se pelo meio dos destroços. Está tudo lá, as peças todas, mas as imagens surgem tão distorcidas que o cérebro, ao tropeçar nelas, não faz ideia do que são ou de onde vêm.

– Onde está a Eleni?

– *Muerta* – diz o médico.

Os olhos de Leo fecham-se. Está estranhamente calmo vendo a bomba cair na sua direcção. Um último olhar antes de a sentir. Vasculha a mente e não reconhece a visão. Um nevoeiro espesso tolda tudo; nem consegue sequer distinguir uma forma minimamente familiar. *Muerta*. Agora já sabe que ela está morta. Até perguntar por ela não fazia ideia, mas a resposta soa-lhe como a confirmação de uma memória de que não consegue recordar-se. Alguém surge, cambaleante e turva, até que finalmente ganha contornos nítidos. Eleni. Olhos castanhos amendoados, uma juba de caracóis da cor do ébano, uma explosão de energia eléctrica, cantando. Sempre cantando, como outros respiram. Por um breve momento sente-lhe o brilho e o calor. Formam um átomo único, indivisível.

A bomba está quase em cima dele. O átomo está prestes a dividir-se. A energia prestes a desencadear-se, feroz e incontrollável.

– Posso vê-la?

– *No es buena idea*.

– Onde é que ela está?

– Está cá, noutra sala.

Trata-se de uma espécie de jogo. O médico não quer que o paciente veja a sua amada morta – pelo menos não para já. Está a dizer: *Façamos de conta que ela não está mesmo morta*. Muerta – *não passa de uma palavra*. É o jogo da contenção dos danos. Leo embarca na jogada. Não sabe onde está nem como foi ali parar. Não tem qualquer recordação dos acontecimentos recentes. Sabe apenas que ama uma rapariga chamada Eleni e que precisa de a ver custe o que custar. Pressente o pânico no médico. Se mostrar o menor sinal de fraqueza, ele irá mantê-los separados. Por isso finge-se calmo.

– Por favor, deixe-me vê-la.

O médico mede a firme determinação no olhar de Leo e parece tranquilizar-se; o miúdo parece aguentar-se. Desconhece a história daquele jovem casal de estrangeiros. Desconhece a força da sua relação.

– *Venga* – diz suavemente, indicando-lhe a porta.

Só então Leo se apercebe de que está deitado numa cama e que deve ter estado inconsciente. As palavras que proferiu ao acordar foram para Eleni. Alguma parte daquela névoa delirante parece querer retardar-se no espírito. Porque é que o médico fala espanhol? A pergunta fica pendurada no seu espírito como um pedaço de cordel cujo extremo oposto se perdeu na bruma. Puxa-o e a outra ponta do cordel emerge do nevoeiro. Colada a ela, uma recordação. Estou na América Latina. Vim para cá com a Eleni. Mas onde? Na Guatemala? Não, de lá apanhámos um avião para a Colômbia. Na Colômbia, então? Não. Puxa o cordel com mais força. Não, na Colômbia não. Depois da Colômbia fomos para o Equador. Equador... e depois do Equador? Qual era o destino seguinte? Dá-lhe um puxão mais forte, o cordel está prestes a partir-se. Peru. Do Equador fomos para o Peru. Como? Como chegámos ao Peru? O cordel parte-se. Não me lembro de chegar ao Peru. Devo estar no Equador ou no Peru. Provavelmente no Equador, não me lembro do Peru. Olha para o cordel partido; não faz ideia de onde procurar a outra ponta. Está à beira de um buraco cujo tamanho é ainda incomensurável. Olha fixamente o vazio como um velho senil que num breve momento de lucidez sabe que perdeu o juízo.

Põe-se de pé. Sente a cabeça a andar à roda e segura-se à cama com uma mão para ganhar equilíbrio. Pisca os olhos com força e tenta focar o

lavatório de esmalte incrustado na parede oposta. Uma das torneiras pinga constantemente, irritantemente; já deve estar assim há anos porque a água deixou uma horrível mancha castanha no lavatório. Seja lá onde estiver, é um sítio terrivelmente degradado. A tinta das paredes está toda a estalar e há teias de aranha espessas por todos os cantos. Uma osga solitária observa o panorama do alto do tecto. O médico dá-lhe o braço e leva-o por um corredor.

Chegam a uma porta fechada. Leo sabe que ela está do outro lado. O médico empurra a porta, ela abre-se. Eleni jaz numa cama com rodas. Tem sangue na camisa azul e um ombro nitidamente deslocado. Tem uma bochecha esfolada. É então que a bomba o atinge. Algo cede no seu interior e a verdadeira implicação dos acontecimentos rebenta dentro de si. O sangue desata a correr-lhe nas veias desenfreadamente, correndo como um rio que extravasou as margens; as pernas tremem-lhe; a respiração abrande e irrita-lhe a garganta. O coração rejeita o sangue de retorno e esvazia-se. O estômago fecha-se, enviando resíduos indigeridos para o cólon; o ânus aperta-se para evitar defecar. O nariz enche-se de muco fluído, os olhos piscam obsessivamente, a visão turva-se-lhe pelas lágrimas. Desfalece no chão e solta um uivo forte e gutural. As enfermeiras dos quartos ao lado param o que estão a fazer, como mães reagindo ao choro dos seus bebés. São muitas as pessoas que correm pelos corredores, vindas de todas as direcções. O médico corre a fechar a porta. Um grupo de curiosos junta-se lá fora. Alguns sabem o que aconteceu. Testemunhas que também elas estão a ser tratadas na clínica. Já se haviam perguntado como iria o rapaz reagir quando lhe dissessem que a namorada tinha morrido. *Meu Deus...* – tinham comentado – *quando o rapaz acordar... vai ser terrível*. E tinham-se benzido e pedido a Deus que os deixasse voltar a ver os seus entes queridos.

Leo soluça no chão, todo encolhido. Nunca se sentiu tão só. Perdido algures num qualquer lugarejo da América do Sul e com a mente parcialmente destruída. Levanta-se e dirige-se a Eleni. Acaricia-lhe o rosto com ternura. Ainda a sente quente. Talvez não esteja morta, talvez consiga ser reanimada. Olha para o médico com um optimismo desesperado no olhar. O beijo da vida, talvez ele consiga ressuscitá-la com o beijo da vida. Aperta-lhe o nariz e abre-lhe a boca e sopra baforadas de esperança

desesperada para dentro dela. Uma vez, outra e outra, tenta enchê-la de vida. Depois bate-lhe no coração para o pôr em marcha. Dá-lhe socos cada vez mais fortes. Sabe que a está a magoar, que ela vai ficar com hematomas, mas é a única maneira. O médico põe a mão no ombro de Leo. Mas Leo foi invadido por uma esperança tão patética quanto tenaz.

– Electro-choques! Têm equipamento de electro-choques? Humm...
Choc electrico. Tienes?

– *No hay, señor. Esta muerta.*

Ela não pode estar morta, jamais acreditará nisso. Continua a soprar para dentro dela. Reza por um milagre e um milagre acontece. Um brevíssimo fôlego sai de dentro dela. Um som de que ele irá recordar-se para o resto da vida.

– Ela está viva! Está a respirar, não ouviu?

O médico não tem reacção. Leo fica subitamente animado, não precisa daquele médico estúpido e indolente, ele consegue ressuscitar Eleni sozinho. Faz-lhe fervorosamente respiração boca a boca e de cada vez ela responde com um fôlego.

– *Señor, señor!* – o médico volta a colocar a mão no ombro de Leo. Ele ignora-o, tem o coração aos pulos, quase lhe apetece desatar à gargalhada.

– *Señor*, ela não está a respirar. É o seu próprio ar a sair dos pulmões dela.

Leo sente o pulso de Eleni. Nada. Uma vez mais deixa-se vencer pelo desespero. Beija-lhe a testa e murmura-lhe as palavras gregas que aprendeu com ela: *Matyamou, karthiamou, psychemou*. Meus olhos, meu coração, minha alma.

Acaricia-lhe o cabelo como muitas vezes o fazia quando a observava a dormir. O calor abandona lentamente o corpo dela. Leo começa a uivar como um cão. Por quanto tempo, não faz ideia.

O velho médico observa-o a uma certa distância. Luta para conter as lágrimas; não quer que os seus sentimentos se sobreponham à imparcialidade profissional. Mais tarde vai regressar a casa e chorar nos braços da mulher e abraçá-la com força durante muito tempo, saboreando-lhe o respirar, o seu perfume, o seu amor.

A história espalhará-se rapidamente pelo hospital e a pequena multidão concentrada no corredor tinha-se deixado vencer por aquela curiosidade mórbida que as pessoas sentem quando confrontadas com a tragédia. Alguém empurra a porta. Vêem um homem dilacerado pela dor, de rosto retorcido e olhar desorientado, e junto dele uma rapariga jazendo torcida e inerte sobre uma cama de hospital. Suspiram profundamente e em uníssono, e por um momento os seus rostos espelham o de Leo.

– Saiam daqui, desapareçam. Isto não é nenhum espectáculo de feira. Deixem-me em paz... – e ao mesmo tempo que profere estas palavras, a voz falha-lhe e ele emudece. Já viram o suficiente, sentem-se envergonhados e alguém fecha a porta.

O episódio despoleta um raciocínio rápido na mente enevoada de Leo. De onde é que eu reconheço esta gente? Volta-se para o médico:

– Que dia é hoje?

– Dois de Abril, *señor*.

– Dois de Abril? – procura freneticamente dentro de si por um indício, por menor que seja.

– Onde é que eu estou?

– Em Latacunga, *señor*.

Latacunga... – ele conhece o nome. Sim, agora recorda-se de já ter estado em Latacunga. Tem um mercado fervilhante numa praça central. Foi lá que ele e Eleni trocaram de camioneta para seguirem para as montanhas. Está no Equador.

– Que dia é hoje? – Esqueceu-se que tinha acabado de fazer essa pergunta.

– Estamos a dois de Abril.

– Dois de Abril? E o que é que aconteceu?

– Teve um acidente de camioneta, *señor*.

Não consegue encaixar em lado algum da sua memória esta informação. Não lhe forma sequer a menor onda na sua mente. Senta-se por um momento, maturando a ideia. Não, não se lembra de camioneta alguma, de qualquer acidente. A ideia luta dentro dele como um extraterrestre a querer entrar à força. O seu cérebro recusa-se a associar esta informação a qualquer sinapse ou terminação nervosa. E contudo, perdida algures nos destroços interiores, surge a pequena caixa negra que contém a

verdade sobre o que sucedeu. Sente um estranho mecanismo de defesa a desencadear-se que o impede de se aproximar do epicentro do seu trauma. Como uma testemunha em tribunal que não é obrigada a fornecer dados que a possam incriminar e cujo corpo impede a mente de aceder à informação potencialmente perigosa.

- Em que dia estamos? – interroga-se se já terá feito essa pergunta.
- A dois de Abril, *señor* – repete o médico pacientemente.
- De que ano?
- 1992.

Leo agarra-se desesperadamente a esse ano. A viagem iniciara-se em 1991. Mais propriamente quando? No fim do ano, já perto do final do ano. Dezembro de 1991. Então, o que teria acontecido nos últimos quatro meses? Acende-se-lhe uma luzinha no espírito e de súbito vê-se numa praia com Eleni. É véspera de Ano Novo; embarcam numa viagem turística de um dia, de Cartagena, na Colômbia, para uma ilha tropical. Eleni tem vestido o seu fato-de-banho cor-de-rosa. Estão ambos deitados ao sol com a espuma das ondas a beijar-lhe os pés. Ele volta-se para ela e beija-lhe a face quente.

- Sabes, não me lembro de mais nada no universo inteiro que eu pudesse querer. Tenho-te a meu lado, amo-te e isso basta-me. Não há mais nada na vida para além disto.

Eleni sorri, inclina-se sobre ele e beija-o.

Vamos fotografar o momento, então... – diz ela, tirando da mochila uma pequena câmara instantânea. Depois estica os braços e volta a objectiva para eles. Ambos rectificam as suas poses, sorriem e... *clique!*

Olha para baixo, para o corpo dela. A memória funciona como um par de garras que mergulham sobre o seu esterno, rasgam-lhe a caixa torácica e sacam o coração. Sente a espinha a derreter-se e fica de pé, como um monte de carne inerte, diante da amada morta. Não consegue respirar. O seu único pensamento é que quer morrer para ir ter com ela.

Vinda do nada, uma dor lancinante sobe-lhe pela perna. Olha para baixo e repara que tem os *jeans* rasgados e cobertos de sangue. Depois sente um latejar nas mãos. Estão cheias de cortes e a sangrar. Tem pedaços de vidros espetados na pele. Por momentos dedica-se a retirar com uma minúcia quase exasperante os vários pedaços.

Tem um enorme hematoma no ombro direito e a articulação dis-para-lhe tiros de dor pelas costas acima. Apercebe-se de que sofreu ferimentos em todo o lado direito do corpo. Mas o pior de tudo é o joelho direito. Não consegue dobrá-lo ou sequer senti-lo. Como é que não sentiu dores até agora?

Em que dia estamos? – indaga. Tem demasiada vergonha de voltar a perguntar. A porta abre-se. O grupo do corredor desapareceu. Um polícia entra e pede a Leo que o acompanhe até ao terminal das camionetas para identificar a sua bagagem. Leo sente-se relutante em sair de junto de Eleni mas, estranhamente, acata bem o pedido. Já não tem o menor resquício de luta interior e por isso segue obedientemente o polícia para fora da sala. O médico vai com eles e Eleni é deixada em paz e sossego.

– Como se chama? – pergunta o polícia.

– Leo Deakin.

– O terminal fica perto, Leo, não vamos demorar nada – diz o polícia em espanhol.

Os três homens saem da clínica e são esbofeteados por um sol ofuscante e um calor abrasador. A enorme praça central estende-se perante eles, exibindo um fervilhante mercado da América Sul no auge da sua azáfama. De um dos lados está a decorrer um leilão de gado. Há vacas e lamas a deambular pelo meio da sua própria bosta, galinhas com as patas amarradas e penduradas em ganchos, no ar o som ensurdecedor de mugidos e cacarejos. Vendedores de fruta, sentados sobre cobertores, enxotam as moscas de cima dos seus produtos e os exuberantes e opulentos índios Ottovalo, de cabelos apanhados em longas tranças, apregoam os tapetes, redes e ponchos multicolores tecidos à mão. Leo começa de imediato a suar em bica. Como é insuportável o mundo, tão cruel e insensível. Estremece e recua como uma cobra cutucada com uma vara. Vidas acoissadas por tarefas triviais e rotinas monótonas. Existências patéticas, entediadas e banais, vividas exclusivamente para os ganhos materiais. Vê o mundo através de uns binóculos segurados ao contrário. Tudo é pequeno e distante, imparcial e inatingível. Agora sente que pertence a um outro mundo, a uma bolha dentro da qual ouve as batidas do seu coração e sente a pele a encarquilhar-se. Sente aquele mercado amortecido e a um milhão de milhas de distância. Os sons

são abafados e irreais. Está debaixo de água e ninguém repara que ele se está a afogar.

Na sua visita anterior àquela praça, ele e Eleni mal conseguiam percorrer um metro sem se verem completamente rodeados de vendedores que lhes exibiam a um palmo da cara roupas e jóias que eles não queriam comprar. Tinham conseguido resistir a todas as ofertas até que Leo reparara em duas pequenas cabeças Incas, maravilhosamente talhadas, uma feminina e outra masculina. Comprara-as sem regatear e oferecera a cabeça de homem a Eleni como recordação.

Mas agora, à medida que o vêem percorrer a praça, os vendedores voltam-lhe instintivamente as costas. Pela primeira vez, é evitado e ignorado. Há algo no olhar de Leo, um laivo de trágico desconcerto, que lhe seca a garganta e perturba os feirantes que o rodeiam. Aquele homem não está de maneira alguma virado para as compras.

Chegados ao terminal das camionetas, o polícia conduz Leo e o médico até uma pequena cabana. Normalmente está cheia de motoristas e cobradores de bilhetes, mas hoje todos eles se reuniram lá fora para discutir animadamente o acidente. Calam-se assim que vêem Leo chegar. A cabana está apinhada de sacos e malas e, mesmo no meio, estão duas grandes mochilas postas de parte. Leo segue na sua direcção, ainda na dúvida se serão as dele. Tenta pegar nelas, mas uma súbita tontura fá-lo vacilar. O médico decide ajudá-lo e pega nas mochilas. Leo repara num picador de gelo e num par de pés-de-gato para escalada a saírem por uma delas. Observa-os com ar curioso. Verifica de novo o nome inscrito na etiqueta da mochila: Leo Deakin.

De regresso à clínica e ao atravessar de novo a praça, o olhar de Leo percorre-a de uma ponta à outra como se tentasse desesperadamente recordar-se. Sinapses e neurónios serpenteiam e inflamam-lhe o cérebro e de súbito algo se acende como um *flash*: ele e Eleni estão numa lojinha de aluguer de material de montanhismo, em Quito, a capital do Equador. Leo adorava escalar montanhas; era um dos seus maiores prazeres na vida. Um prazer absoluto, já que quando atingimos o cume, sabemos que não podemos ir mais além. Sentimos uma completa e total sensação de realização. Esta era para ele uma rara sensação, numa vida com

tantas actividades, e onde teremos sempre de olhar para o futuro se quisermos obter algum sinal de satisfação. O vulcão de Cotopaxi, que se elevava da meseta como um sedutor deserto exótico em forma de cone, representava sem dúvida alguma um enorme desafio. O vendedor da loja aconselhara-os a passarem uma noite numa pequena pousada de montanha localizada a cinco mil metros de altitude, ou mesmo duas para melhor se aclimatarem. Aconselhara-os também a que no dia da escalada partissem às duas da manhã de modo a atingirem o cume ao raiar do dia, e a regressarem antes do degelo da tarde, sempre muito traiçoeiro. Teriam forçosamente de ir munidos de pés-de-gato e picaretas, mas se o tempo se mantivesse bom a escalada não seria minimamente complicada.

– Vão subir os dois? – perguntou-lhes.

– Eu não – respondeu Eleni. – Só subo até à pousada e fico-me por lá.

– Não corram riscos desnecessários – avisou-os. – Um casalinho inexperiente morreu lá em cima no ano passado.

Leo lembrava-se do pequeno-almoço que tomaram nesse dia. Tinham ido ao seu café preferido, não longe do hotel. Comeram salada de frutas com *granola*¹ e mel. *Um pequeno-almoço dos deuses*, chamara-lhe Leo; abacaxi, manga e maracujá. Eleni tinha devorado uma panqueca de banana com molho de chocolate e não conseguira evitar ficar com a boca toda suja. Por fim, deleitaram-se com o café. Voltaram para o hotel, pegaram nas mochilas pesadíssimas e partiram, rumo ao terminal das camionetas. Estavam cerca de uma hora atrasados em relação ao que tinham planeado. Será que Eleni ainda estava viva se não se tivessem demorado tanto ao pequeno-almoço? A sua memória pára no terminal de camionetas; continua sem conseguir lembrar-se dos pormenores da viagem. Talvez seja melhor não saber, mas ele não consegue conter a corrida desenfreada dos seus pensamentos. As peças começam lentamente a encaixar-se, as lacunas a preencher-se e, mesmo que não queira, o cérebro irá continuar a trabalhar até dar o trabalho por terminado.

¹ Mistura seca extremamente nutritiva (*muesli*) composta por cereais, frutos secos e sementes de sésamo. (N. da T.)